

capitôlina

**O PODER DAS GAROTAS**

VOL. 1

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright dos textos © 2015 by várias autoras  
Copyright das ilustrações © 2015 by várias ilustradoras

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA E PROJETO GRÁFICO Tereza Bettinardi  
PREPARAÇÃO Nathália Dimambro e Júlia Schwarcz  
REVISÃO Renata Lopes Del Nero, Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Capitolina: o poder das garotas, vol. 1 / Várias autoras e ilustradoras — 1ª ed. — São Paulo: Seguinte, 2015.

Várias autoras.

Várias colaboradoras.

ISBN: 978-85-65765-84-8

1. Adolescentes (Meninas) 2. Capitolina (Revista on-line)  
3. Correspondências 4. Depoimentos I. Browne, Clara.  
II. Piñeiro, Lorena. III. Soter, Sofia.

15-06065

CDD-028.5

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Revista Capitolina: Literatura juvenil 028.5

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](https://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

Carta das editoras da *Capitolina* 5

### **EDIÇÃO #1: COMEÇO & IDENTIDADE**

Identidade de gênero: uma introdução 9

Você nasceu para isso: ser um milhão em uma 15

### **EDIÇÃO #2: SONHOS**

Primavera fora de época 19

“Foi você o sonho bonito que eu sonhei” 25

### **EDIÇÃO #3: CORPO**

Marcas da dor 29

Corpos invisíveis 35

### **EDIÇÃO #4: VIAGEM**

Filha do mundo 41

Uma passagem de ida para a empatia 47

### **EDIÇÃO #5: CORES**

A cor dos outros 53

O mundo mágico das cores 59

### **EDIÇÃO #6: MEDO**

Quem tem medo de bruxa? 63

(Não) tenho medo 69

### **EDIÇÃO #7: MAGIA**

Mágicos, míticos ou lendários? 73

Amor, desencanto e Harry Potter 77

### **EDIÇÃO #8: MOVIMENTO**

We Can Do It: as mulheres na força de trabalho 83

Guia extraordinário dos esportes mais bizarros que conhecemos 87

## EDIÇÃO #9: FAMÍLIA

O sol que iluminou nossas raízes também nos ilumina **93**

Senta que é hora de conversar:  
espaços seguros, atitudes seguras **105**

## EDIÇÃO #10: PODER

Meritocracia, privilégios, dinheiro e poder **111**

Abra suas asas, solte suas feras:  
*girl bands* e empoderamento feminino **117**

## EDIÇÃO #11: COMUNIDADE

Porque a internet também é vida real **125**

Pensar o mundo além do 1bigo **131**

## EDIÇÃO #12: DESATINO

O mito da garota linda e louca (não caia nessa) **135**

A menor distância entre dois pontos **139**

## CINEMA, TV & MÚSICA

Um cinema nosso **143**

## ESCOLA, VESTIBULAR & PROFISSÃO

Uma escola feita por nós **149**

## TECH & GAMES

Máscaras sob máscaras e o videogame **155**

## ARTES

A arte ignorada **163**

## FAÇA VOCÊ MESMA

O poder de cuidar de si **169**

## RELACIONAMENTOS & SEXO

Sem limites e sem limitações: corpos e sexualidade **175**

## MODA & BELEZA

Cara, cadê meu estilo? **179**

Sobre as autoras **184**

Galeria de colaboradoras **189**

# CARTA DAS EDITORAS DA *CAPITOLINA*

CLARA BROWNE, LORENA PIÑEIRO E SOFIA SOTER

Tudo começou em uma noite de setembro, no subespaço da internet. Nas ruas escuras das diferentes cidades do Brasil, tudo estava quieto e tranquilo, mas dentro das casas de diversas meninas, seus dedos não paravam de digitar um minuto sequer, em uma conversa estranhamente honesta considerando que poucas ali se conheciam de fato. Elas falavam sobre como nunca se sentiram representadas pela mídia tradicional e como na adolescência teriam adorado ler uma revista alternativa que fosse sincera, como aqueles comentários no grupo do Facebook. Em algum momento dessa conversa, as nuvens de São Paulo se afastaram revelando a lua, e ela refletiu a luz do sol direto nessa conversa que, a princípio, poderia ser como outra qualquer. E, ali, naquela noite, nesse misto de animação em *caps lock* e magia do Universo, surgiu a ideia da *Capitolina*.

Esse é o mito de criação da revista que deu origem ao livro que você, querida leitora, tem agora em mãos. Depois dessa noite, foi necessário muito esforço e organização, tendo sempre as redes sociais como escritório de trabalho. Apesar disso, ainda assim era como se os astros estivessem a nosso favor. Mesmo com Mercúrio retrógrado e Saturno mandando bala, sempre nos ouvimos, nos abraçamos e nos ajudamos. Ao longo do tempo, provamos que muita mulher junta só pode dar em coisa boa.

Enquanto escrevemos esta carta, a revista está em sua décima quarta edição. Quando o livro sair, já teremos dezoito edições publicadas. Todo dia, dois textos, duas ilustrações, muitos posts em redes sociais. Todo dia, muito trabalho e uma satisfação cada vez maior em ver o projeto crescendo, em falar com as leitoras que se sentem acolhidas pelo que fazemos, em conversar com as outras colaboradoras sobre como todas crescemos ao longo do último ano. Crescemos tanto que tivemos essa oportunidade incrível de escrever um livro para vocês — para quem já lê a revista, para quem nunca ouviu falar da gente, para quem já ouviu falar mas nunca teve saco de abrir o site. Um livro com um apanhado de textos já publicados e mais uma porção de textos novos, com ilustrações já vistas e mais um monte inéditas, com atividades interativas, com tudo que temos direito. Os papos internos sobre o livro são sempre cheios de exclamações, interjeições, vontade de fazer o tempo passar rápido pra termos esse objeto em mãos (como você tem agora).

Desde a primeira entrevista deslumbrada que demos a um blog que gostou da nossa iniciativa, declaramos: “Somos todas megalomaniacas”. E este objeto físico que você está lendo — ou não tão físico se está no seu *e-reader* — é a concretização dos nossos sonhos mais ousados. O que você faz quando realiza um sonho? Sonha de novo. Queremos que este legado resista ao tempo e chegue a cada vez mais meninas. Queremos que cada adolescente nesse mundão perceba o poder que tem, apesar do que o mundo lhe diz. Queremos atirar este livro (metaforicamente, o.k.?) na cabeça de cada pessoa que já fez uma piadinha besta sobre seus gostos, suas dúvidas, seus amores, seus desejos. Queremos que você saiba que estamos aqui, como uma irmã mais velha que não sabe muito bem o que está fazendo, mas se esforça para aprender mais a cada dia. Aprender com vocês.

Não é à toa que acreditamos tanto na sororidade, ou seja, no amor entre irmãs. É que sabemos que, por mais que venhamos de realidades distintas, juntas vamos muito mais longe. Sabemos também que toda menina no mundo — independentemente da idade — precisa do apoio de suas irmãs, sejam elas de sangue ou não. É dessa espécie de amor que

tiramos força para seguir em frente, encarar nossos medos, atingir nossos sonhos e, assim, nos apoderarmos de tudo o que quisermos. Desde os direitos mais básicos que não são concedidos a nós, mulheres, até os delírios mais doces que possamos imaginar.

Mais que um livro, o que você tem na mão é uma passagem de ida para conquistar o mundo. E, isso, querida leitora, nós faremos juntas.

Cl- B —

Loerena Piñeiro

Sofy Sot

# IDENTIDADE DE GÊNERO: UMA INTRODUÇÃO

BEATRIZ LEITE E NATÁLIA LOBO

ilustração VERÔNICA VILELA • infográfico ISADORA CARANGI

Eu me chamo Natália e consta na minha certidão de nascimento que pertencço ao sexo feminino porque tenho uma vagina. Portanto, meu sexo foi **definido** tomando como base o órgão genital com que eu nasci. Mas o que significa pertencer ao gênero dito feminino? O que significa ser “mulher”?

Assim como quase tudo que nos caracteriza, nosso gênero é construído pelas experiências que temos na vida, com quem mantemos contato, em que condições vivemos, em que cultura estamos, entre diversos outros fatores. Por isso dizemos que os **gêneros binários** (mulher/ homem) e outros possíveis são uma **construção social** e não uma genitália. Uma parte dessa construção social é o estabelecimento dos **papéis** de gênero.

Nós começamos a entender qual é o papel do homem e da mulher (e o que significa ser cada um deles na nossa sociedade) desde pequenos: crescemos com tudo que nos cerca nos dizendo que porque somos meninas devemos gostar de bonecas ou, porque não somos meninos, não deveríamos brincar de carrinho. Aliás, antes de nascermos já começamos a ser definidos: desde o ultrassom quando o pai e a mãe, ao verem se o bebê tem



um pênis ou uma vagina, decidem se o quarto vai ser azul ou rosa (se vai ter dinossauros ou florzinhas na parede e assim por diante).

Por essa lógica, nosso gênero estaria diretamente ligado à nossa genitália. A gente também aprende que, por ter uma vagina, deveríamos gostar de quem tem pênis e vice-versa (em geral, nos ensinam que devemos ser heterossexuais). Ou seja, como se nosso órgão reprodutor também estivesse diretamente ligado à nossa orientação sexual (ser homossexual, bissexual, heterossexual, entre outros). Mas, assim como minha vagina não define minha **orientação sexual**, o gênero com o qual eu me identifico também não — inclusive se eu me identifico com um gênero diferente daquele que me deram quando nasci.

Por isso, apesar de muita gente supor que toda travesti, transgênero, transexual (que são representadas no termo trans, junto com outras identidades) é homossexual, isso não é verdade.

Uma pessoa trans é aquela que pertence a um gênero diferente daquele que foi registrado em seu nascimento, de acordo com sua genitália. Assim, um homem trans é aquele que nasceu com uma vagina e é do gênero masculino, enquanto uma mulher trans é aquela que nasceu com um pênis e é do gênero feminino, e tanto um como o outro podem ter qualquer orientação sexual.

Então, desde que nascemos, vamos recebendo sinais de qual é o papel da mulher e do homem na sociedade, como se fossem duas caixinhas às quais temos que nos adequar. Por exemplo: nós, mulheres, somos designadas a casar, ter filhos e cuidar da casa e, então, desde pequenas somos estimuladas a brincar de boneca (imitando o que é ser mãe) ou de “casinha” (imitando o trabalho doméstico). Para as pessoas que não se enquadram nessas caixinhas, sair delas é bem complicado. Quando a pessoa quer seguir o que não é esperado, está mais perto de ser marginalizada e de encontrar dificuldades para viver como quer. As pessoas trans sofrem diariamente com a **transfobia**, que é a discriminação (frequente) contra qualquer pessoa trans.

Essa discriminação pode vir de diversas formas: desde o constrangimento na hora de ir ao banheiro, a dificuldade de conseguir emprego e

## DESDE QUE NASCEMOS, VAMOS RECEBENDO SINAIS DE QUAL É *o papel da mulher e do homem* NA SOCIEDADE, COMO SE FOSSEM *duas caixinhas* ÀS QUAIS TEMOS QUE NOS ADEQUAR

os documentos que possam estar de acordo com o nome e o gênero pelos quais a pessoa gostaria de ser reconhecida, até o assassinato (simplesmente por ser trans).

A seguir, a gente reproduz parte de uma entrevista com a Daniela Andrade, que é mulher trans, diretora da LIHS (Liga Humanista Secular) e integrante da Comissão da Diversidade Sexual da OAB-Osasco (além de outras ocupações).

“As pessoas transexuais e travestis têm a inserção dentro da sociedade prejudicada por meio de diversos mecanismos. As pessoas travestis e transexuais são aquelas que foram designadas como homens ou mulheres quando nasceram, de acordo com seus genitais, porém não se reconhecem com esse gênero registrado, tampouco se sentem respeitadas sendo tratadas pelo nome do registro civil, de forma que elas vão requerer o tratamento por outro nome e gênero. O nome pelo qual a pessoa travesti e transexual é reconhecida e chamada em seu círculo social é o ‘nome social’, que difere daquele com o qual elas foram registradas. [...] Não ter documentos adequados à sua identidade significa passar constrangimento, vexame e humilhação em diversos locais onde estes são exigidos: escola; universidade; equipamentos de saúde; aeroportos; rodoviárias; delegacias; blitzes; hotel; motel; casas noturnas; ao alugar, vender ou comprar casas, apartamentos, carros etc.”

A sociedade brasileira, no geral, é muito transfóbica. Mas é muito difícil para as pessoas **cisgêneras** (aquelas que pertencem ao gênero que lhe foi atribuído ao nascer) perceberem isso. Essa tendência de “afastar” quem não está dentro das tais “caixinhas” é enorme, o que faz com que muitas vezes pessoas trans deixem os estudos ou só consigam sobreviver através da prostituição:



Você pode ler a entrevista completa no site: [revistacapitolina.com.br](http://revistacapitolina.com.br)

“O mercado de trabalho geralmente relega a essa população os subempregos, o desemprego ou a prostituição, dado que, sendo reflexo da sociedade, nos mostra como não se enxerga solução nessas pessoas, mas problemas.”

Hoje em dia, algumas pessoas trans ainda são diagnosticadas com transtorno de identidade de gênero, como se ser trans fosse uma doença. Nós aqui não acreditamos que pessoas transgêneras são portadoras de doença ou distúrbio; acreditamos que identificar a transgeneridade como doença é mais um jeito de excluir esse pessoal. Os homossexuais passaram pela mesma dificuldade de aceitação e inclusão, já que, até a década de 1980, ser homossexual era como ser doente. E desde quando amar alguém do mesmo gênero ou ter uma identidade diferente da que nos é imposta é doença?!

Resumindo: não é ter um pênis ou uma vagina que vai definir o gênero ao qual você pertence. Esse é o caso da Daniela Andrade e de muitas outras pessoas por aí. Também é legal lembrar que o gênero não define ou interfere na sua orientação sexual. Uma pessoa cisgênera pode ter qualquer orientação sexual, assim como uma pessoa trans. Quer um exemplo? Guilherme, 31, é trans homem e homossexual — o que quer dizer que ele nasceu com uma vagina, se identificou com o gênero masculino e tem atração por pessoas do gênero masculino. Amanda, 23, de São Paulo, é trans mulher e heterossexual — o que quer dizer que ela nasceu com um pênis, se identificou com o gênero feminino e tem atração por pessoas do gênero masculino. Natália, 18, autora deste texto, é cisgênera e não gosta de enquadramentos — o que quer dizer que ela nasceu com uma vagina, se identificou com o gênero feminino e não quer definir sua orientação sexual. Beatriz, 19, também autora deste texto, é cisgênera e se entende como bissexual — o que quer dizer que ela nasceu com uma vagina, se identifica com o gênero feminino e tem atração por pessoas pertencentes ao seu gênero e a gêneros diferentes do dela.

A inclusão de pessoas trans na sociedade está relacionada à desconstrução da ideia de gênero como algo diretamente ligado à genitália. A gente acredita na importância dessa desconstrução: o combate à transfobia é um jeito de olhar e garantir uma vida melhor pra muitas pessoas que não couberam em algumas caixinhas em que foram colocadas. ★

# VOCÊ NASCEU PARA ISSO: SER UM MILHÃO EM UMA

BEATRIZ TREVISAN

ilustração ISABELA ZAKIMI-INNOCENTINI

Dizer que alguém “nasceu para isso” é sempre uma tentativa de definir um destino. Como se possuir determinado talento ou personalidade implicasse que eles estariam presentes para sempre, estáticos — e, além disso, fariam com que houvesse um momento em algum ponto da vida da pessoa do qual ela simplesmente não pudesse escapar.

Mas isso parece um pouco sem sentido. A própria palavra destino é meio engraçada. O destino de uma viagem é o final dela; por que, então, quando pensamos no destino da vida, não pensamos na morte? Já adiante: ainda bem que não! Seria mórbido focar na ideia de que a destinação da vida é simplesmente seu esgotamento, e não um momento grandioso, de epifania, em direção ao qual caminhamos e o qual esperamos atingir durante todo o tempo que passamos na Terra. Mas espera aí: também não sei se o real significado da palavra é essa coisa toda romantizada. Afinal de contas, se eu acho que meu destino é ser rica e famosa como a Beyoncé, o que acontece depois que eu conseguir? Minha vida acaba e deixa de ter sentido? E se eu nunca alcançar esse objetivo, terei vivido anos e anos em vão?

É aí que entra a parte interessante: nosso destino não precisa ser — e não é — estanque. Aliás, nunca poderia ser, porque a vida é uma série de momentos e escolhas. Pareceria estranho se no meio de tudo isso tivéssemos só uma identidade que nunca se modificasse e, por isso, um único objetivo maior e imutável. É absolutamente natural e incrível que nossa identidade varie em meio a tantas experiências e vivências, e, com ela, variem ainda os vários objetivos que queremos alcançar. Temos um montão de destinozinhos que vão dançando conforme a música que a gente canta. Alguns se destacam, outros ficam esquecidos. Uns eliminam outros, e alguns só são possíveis porque outros apareceram no meio da estrada. Mas todos, sem exceção — mesmo os que já ficaram no passado! —, mudam conforme a gente muda. E aí termina a parte interessante e entra a parte engraçada: apesar de destino, no dicionário, significar final, ele traz, na verdade, renovação e metamorfose.

Então, se essa palavra tem tanto a ver com movimento e, portanto, tão pouco a ver com ficar parado, eu me pergunto por que tem gente que parece querer colocar um objetivo dourado com luzes piscantes na nossa frente, sem que a gente dê o consentimento para que isso aconteça? Por que é, então, que teimamos na ideia de “nasci para tal coisa”?

Na verdade, isso é só mais um episódio da série Quero Te Encaixar Nos Meus Padrões. Não é novidade para ninguém que sempre vai existir quem queira nos enquadrar em alguns estereótipos. Alguns deles são mais gerais, do tipo “se você é mulher, tem que ser sensível”, e alguns são direcionados a uma pessoa específica. Em muitas discussões sobre feminismo, já me disseram: “Que estranho você falando alto desse jeito! Você é sempre tão delicada/ calma/ tranquila. Você não é assim”. Bom, em alguns momentos eu sinto necessidade de me exaltar, peço desculpas se antes não me sentia assim (brincadeira, não peço não), mas isso mudou agora. E não tenho uma personalidade fixa, tem muitos *eus* dentro de mim, às vezes ao mesmo tempo, às vezes se alternando. Existe um medo muito grande da mudança e uma presença velada para que sempre gostemos das mesmas coisas e ajamos

## *Não é novidade* PARA NINGUÉM QUE SEMPRE VAI EXISTIR QUEM QUEIRA NOS ENQUADRAR EM *alguns estereótipos*

da mesma forma, como se mudança não fosse, na realidade, a única constante da vida (se eu conseguisse escrever um texto todo sobre esse assunto sem nenhum clichê ia ser muito esquisito).

Só que ninguém é sempre igual, nem mesmo nossa(s) identidade(s). Conforme trilhamos uma estrada temos o direito de modificar o rumo que estamos seguindo, e, principalmente, de fazer isso sem dar satisfações. E a frase “você nasceu para isso” é negar esse direito de escolha, que no final das contas é o que mantém o caminho da vida em movimento. É acreditar num destino estagnado e entalhado em pedra, que não é real, mas que é tão, tão fácil de aceitar, que acabamos tomando a expectativa alheia sobre nós como verdade absoluta. Mais do que isso: aceitá-lo é acreditar que somos limitadas, quando na verdade somos infinitas, temos um universo dentro de nós. Mas, se acreditamos que só podemos ser uma única coisa predeterminada, quando percebemos que não vamos conseguir alcançar aquilo para que, em teoria, nascemos, nos sentimos frustradas, desmotivadas e perdidas. Como se perdêssemos quem somos, enquanto, na verdade, estamos nos encontrando e nos descobrindo a cada dia.

Ainda bem que essa necessidade de suprir as expectativas alheias — adivinhe! — também é mutável, e essa mudança pode ocorrer a qualquer momento. Minha sugestão é que esqueçamos o “você nasceu para...”, a menos que essa frase se complete com “caminhar no seu próprio tempo, mudando de rumo quando quiser e apreciando suas várias conquistas, e, especialmente, sendo um milhão em uma, sem ficar esperando um pote de ouro no final do arco-íris”. ★